

CAATINGA, SEMIÁRIDO E SERTÃO: Classificações e identidades do século XIX aos dias atuais

Elizeu Pinheiro da Cruz

Caatinga, semiárido e sertão



Figura 1 – Representação dos biomas brasileiros no mapa do Brasil. Escala de 1: 5.000.000 (primeira aproximação). Fiz um destaque (círculo pontilhado) do território que investigo com suas duas peculiaridades: presença do único bioma existente no Brasil e por ser uma região ecotonal de encontro da caatinga, cerrado e mata atlântica. Fonte: IBGE

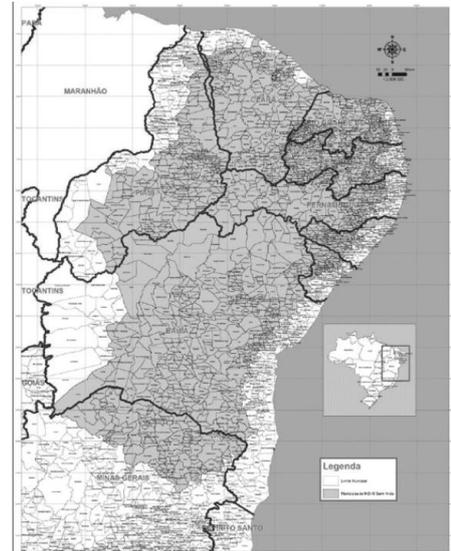


Figura 2 – Mapa que apresenta abrangência da região semiárida no Brasil apresentado pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Fonte: Brasil (2005)

Sertão, semiárido e caatinga são classificações de territórios que se relacionam intimamente na constituição do território baiano. A caatinga é descrita como o único bioma que só existe no Brasil, ocupando a região nordeste e um fragmento do estado de Minas Gerais, sendo que as áreas nativas mais expressivas estão na Bahia e no Piauí (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003). Conforme observamos nos mapas (Figuras 01 e 02), boa parte do território do semiárido (39,8%) é também território da caatinga, o que nos faz pensar que as taxonomias ou classificações de território estão intimamente relacionadas com a identidade regional.

Há processos de institucionalização dessas taxonomias, como as produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, para definir a caatinga como um dos seis biomas brasileiro com 9,92% do território, juntamente com Amazônia (49,29%), Cerrado (23,92%), Pantanal (1,76%), Pampa (2,07%) e Mata Atlântica (13,04%). Mais da metade (54%) do território do estado da Bahia é constituído em um espaço geográfico que tem clima, solo e composição animal e vegetal

distintos que viabilizam a sua classificação como Bioma Caatinga nas descrições produzidas por cientistas de três agrupamentos das Ciências Biológicas: Botânica, Ecologia e Zoologia.

O sertão, que está também relacionado a semiárido, categoria marcadamente presente nas políticas públicas para o nordeste, é também institucionalizado pelo IBGE como área de semiaridez (semiárido) e pobreza hidrográfica, mesmo com a presença de destacados rios do Brasil, o Rio São Francisco.

As expedições dos naturalistas e as expedições contemporâneas: endemismos e produção do território

Expedições de exploração e coleta de espécimes nesses territórios remetem aos viajantes naturalistas portugueses do século XIX, como o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve o interior da Bahia entre 1815 e 1817 produzindo descrições da natureza e coletando exemplares da biodiversidade baiana, definindo como sertão, em tons sublime e maravilhado. Tais descrições podem ser consideradas um marco para os estudos etnológicos no Brasil (COSTA, 2008) e corroboram indícios de que o conceito de “sertão” é também uma invenção dos colonizadores portugueses para atender a uma dupla finalidade: classificar o distante e o exótico e distribuir identidades que pode também assumir o sentido de liberdade e paraíso ecológico a depender do lugar de fala (AMADO, 1995). Dessa forma, as narrativas desse príncipe austríaco sobre os grandes espaços interiores e poucos conhecidos nos permite retomar a questão escalar utilizada pelos portugueses desde o século XIV para designar de “sertão” as regiões portuguesas distantes de Lisboa.

Euclides da Cunha, com a construção do arquétipo da brasilidade sertaneja, destaca a paisagem desse território com aspecto atormentado ainda que sua clássica obra “Os sertões” tenha contribuído com a fundação das reflexões sobre as singularidades socioculturais do Brasil (REZENDE, 2001). João Guimaraes Rosa, em “Grandes sertões: veredas”, confronta duas geografias, uma real e outra inventada, para construir o sertão como um pensamento mais forte do que o poder do lugar físico-geográfico, uma imagem arcaica e histórica (BOLLE, 1998).

O sertão é, então, um protagonista dos relatos de naturalistas, da literatura, da historiografia e de outras descrições **do/sobre** o Brasil. Porém, é um verbete que apresenta imprecisão e inadequação, sendo utilizado, a partir do século XIX, para pensar a nação (AMADO, 1995) e pode ser acompanhado da ideia de aridez ou despovoamento (ANTONIO FILHO, 2011), com ausência de mata fechada.

Essas taxonomias que ganharam destaque nas produções literárias e acadêmicas nacionais para territórios são produções de humanos “de fora” da região, o que nos coloca uma reivindicação no tempo presente: um movimento de recuperação do trabalho dos agentes (humanos e não humanos)

para forjar, na experiência de existência no sertão (existência situada), as suas próprias taxonomias para plantas e animais imbricadas com as classificações do lugar (do território) em processos de mobilidade que colocam as fronteiras em um constante redesenhar.

A pesquisa de doutorado “**Vidas engajadas e engajamentos que dão vida na história das ciências do tempo presente:** itinerários da Botânica, da Ecologia e da Zoologia no sudoeste do Estado da Bahia, Brasil (1999-2016)”, desenvolvida por mim e sob a orientação da Professora Moema de Rezende Vergara, enfrenta tais questões em um exercício teórico-metodológico de produção de uma “história das ciências do tempo presente **em e da** mobilidade”. A tese propõe pensar não apenas as fronteiras da caatinga, semiárido e sertão emergindo nos endemismos (cactáceas, abelhas, vespas, orquídeas e outros seres) descritos pelos agrupamentos Botânica, Ecologia e Zoologia, mas também as fronteiras desses agrupamentos na constituição das Ciências Biológicas e na constituição de uma possibilidade para a História das ciências local.

REFERÊNCIAS

ANTONIO FILHO, Fadel David. Sobre a palavra Sertão: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). **Ciência Geográfica**, v. XV, p. 84-87, 2011. Disponível em <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf>. Acessos em 02 de set. de 2015.

BOLLE, Willi. O Sertão como forma de pensamento. **Scripta** (PUCMG), Belo Horizonte, v. 2, n.3, p. 259-271, 1998. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10241/8342>>. Acessos em 05 de jun. de 2015.

COSTA, Christina Rostworowski. **O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)**. 2008. 132f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Elizeu_2/Downloads/CHRISTINA_ROSTWOROWSKI_DA_COSTA.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba/Edusc, 2012.

LEAL, Inara R., TABARELLI, Marcelo, e SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

REZENDE, Maria José de. Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 13, n. 2, p. 201-226, nov. 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702001000200011>.

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. **Viagem ao Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.